

O estatuto lexical das preposições *sob* e *sobre*

(The lexical status of the prepositions *sob* and *sobre*)

Erotilde Goreti Pezatti¹, Roberto Gomes Camacho²

^{1,2}Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

pezatti@ibilce.unesp.br, camacho@ibilce.unesp.br

Abstract: This paper describes the prepositions *sob* and *sobre* in the Functional Discourse Grammar framework (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) aiming at checking their lexical or grammatical status on the basis of classification criteria postulated by Keizer (2007). The following aspects point to their lexical status : (i) they consist of an Ascription Subact; (ii) they contain a specific content on the vertical axis signaling inferiority and superiority position in relation to a limit; (iii) they are not required by any predicate, but they are predicates by themselves, which require complementation by an argument playing Reference semantic function; (iv) they may be combined with *de*, *em*, *para* and *por*; which are genuine grammatical prepositions; and, finally, (v) they are not subjected to any phonological process of reduction and fusion.

Keywords: functionalism; preposition; grammatical category; lexical category.

Resumo: Este trabalho pretende descrever as preposições *sob* e *sobre* dentro do arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE 2008), com o objetivo de verificar seu estatuto lexical ou gramatical no português, com base em critérios de classificação postulados por Keizer (2007). Os seguintes aspectos apontam para o estatuto lexical delas: (i) constituem um Subato de Atribuição; (ii) apresentam sentido específico, indicando, no eixo vertical, posição de inferioridade e superioridade em relação a um limite; (iii) não são exigidas por nenhum predicado, mas elas próprias exigem complementação, tendo seu argumento a função semântica Referência; (iv) podem combinar-se com *de*, *em*, *para* e *por*, que são verdadeiras preposições gramaticais; e (v) não se submetem a processos fonológicos de redução ou fusão.

Palavras-chave: funcionalismo; preposição; categoria lexical; categoria gramatical.

Introdução

Este trabalho traz os resultados parciais do Projeto de Pesquisa denominado *As Preposições no Português do Brasil, do Ponto de Vista da Gramática Discursivo-Funcional*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) da UNESP/São José do Rio Preto, coordenado por Erotilde Goreti Pezatti. O objetivo primeiro é fazer uma descrição semântico-cognitiva o mais exaustiva possível das chamadas preposições simples do português, tendo como objetivo secundário contribuir para a discussão das fronteiras entre o léxico e a gramática, e assim fornecer subsídios relevantes para o tratamento das classes de palavra na Gramática Discursivo-Funcional.

Uma questão que tem sido muito debatida recentemente no arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é o estatuto gramatical ou lexical das categorias linguísticas. A pertinência desse tratamento avulta em importância se considerarmos que, na tradição linguística, as categorias são tratadas como unidades discretas, em oposição ao tratamento dado pela teoria de protótipos (cf. ROSCH, 1973; TAYLOR, 1989), que as considera elementos contínuos, situados numa escala com os membros mais prototípicos nos extremos.

Embora na própria GDF se mantenha a natureza discreta da distinção lexical-gramatical, estão surgindo novas propostas sobre o estatuto de categorias linguísticas,

principalmente as que são tradicionalmente consideradas gramaticais, como as preposições e as conjunções. Keizer (2007) postula que a maioria dos predicados verbal, nominal e adjetival, bem como alguns grupos menores, como advérbios não-derivados, são exemplos claros de elementos lexicais; uma base sintática para essa classificação é o fato de esses elementos funcionarem como restritores ou modificadores. Alguns itens, como as preposições, no entanto, são mais difíceis de categorizar, por falta de critérios definitivos de classificação, uma vez que não está claro se todos os membros da classe são lexicais ou gramaticais, ou, ainda, se um e o mesmo elemento pode ser usado lexical ou gramaticalmente.

Mackenzie (1992) distingue um pequeno conjunto de preposições — *at, from, via, to, towards* —, que, por representarem, respectivamente, realizações das funções semânticas Locação, Origem, Percurso, Alativo e Direção, devem ser tratadas como itens gramaticais; todas as outras, segundo ele, que constituem preposições lexicais, devem ser consideradas predicados de um lugar e, como tal, estocados no léxico. Mackenzie (1992) introduz uma nova classe de predicados lexicais às quatro classes tradicionalmente estabelecidas (nome, verbo, adjetivo e advérbio), que, por uma razão de adequação tipológica, ele denomina adposições elementos que se colocam em posição pré-nominal (preposição) e em posição pós-nominal (posposição).

Bakker e Siewierska (2002) defendem a posição de que a distinção entre elementos lexicais e gramaticais (de qualquer tipo) é gradual e não discreta. Essa posição implica que todas as preposições, se predicados ou elementos gramaticais, terão uma entrada no léxico que incluirá ou uma definição de significado (no caso de preposições lexicais) ou um predicado abstrato (no caso de preposições gramaticais).

Pérez Quintero (2004) defende uma posição diferente: essa autora alega que todas as preposições são itens lexicais, que devem ser representados como predicados de um lugar. Preposições têm valor atributivo no sentido de que designam uma relação entre duas entidades e, dado que a disponibilidade para o subato de atribuição é a propriedade definidora de um predicado, as preposições se qualificam para o estatuto de predicado. Pérez Quintero (2004) não vê nenhuma razão para distinguir um conjunto de preposições gramaticais, como faz Mackenzie (1992), embora admita o uso gramatical de certas preposições.

Alinhando-se a Pérez Quintero (2004), Keizer (2004) postula também que todas as preposições do inglês são elementos lexicais e, como tais, devem ser representadas no léxico com uma definição de significado. Essa alegação se apoia no princípio de que a maioria das preposições envolve algum grau de conteúdo semântico e compartilha diversas propriedades sintáticas e morfológicas com nomes, verbos e adjetivos. Admite, no entanto, que algumas preposições do inglês como *of* e *by* podem ter um uso gramatical, quando introduzem termos com função semântica, atribuída ao primeiro e ao segundo argumento de predicados deverbais e deadjetivais.

Segundo Keizer (2004), precisamos de um sistema flexível, que nos permita usar um e o mesmo predicado (preposicional ou nominal) com e sem complemento. A GDF parece dar conta desse grau de flexibilidade: diferente da GF, em que predicados são estocados no léxico juntamente com um esquema de predicado, no novo modelo predicados e esquemas são estocados separadamente. Ao permitir que predicados combinem com mais de um esquema, o sistema se torna tanto mais flexível quanto mais eficiente.

Nosso objetivo aqui é examinar a adequação dessas propostas alternativas à descrição das preposições *sob* e *sobre*, com o fim específico de resolver a questão da categorialidade dessas palavras no português e, ao mesmo tempo, contribuir para o

debate sobre o estatuto lexical/gramatical no arcabouço da GDF. A hipótese que defendemos tem a ver com uma visão funcional-cognitiva das categorias, vistas mais como um *continuum* do que como entidades discretas (TAYLOR, 1989).

Endossamos a proposta de Mackenzie (1992) de que construções preposicionais devem ser analisadas como unidades que denotam locação ou tempo, simbolizadas pelas variáveis 'l' e 't'.¹ O que ainda precisa ser estabelecido, contudo, é se devemos analisar preposições (todas ou algumas) como predicados ou como elementos gramaticais, introduzidos no Nível Morfossintático para sinalizar funções semânticas atribuídas a um termo nucleado por um predicado nominal.

Nossa hipótese é a de que, em português, algumas preposições constituem predicados monovalentes, enquanto outras funcionam como marcadores de funções semânticas. Aquelas constituem itens lexicais e estas, itens gramaticais, que marcam, no Nível Morfossintático, as funções semânticas argumentais e não-argumentais do Nível Representacional. Uma hipótese derivada é a de que *sob* e *sobre* pertencem ao primeiro grupo, isto é, constituem preposições lexicais.

O tratamento aqui se restringirá às preposições simples, descartadas, por ora, um grande número de preposições complexas em português, como *em cima de* e *embaixo de*, que não serão consideradas neste momento, mas poderão servir para ilustração nos casos em que seu uso se mostre relevante para a definição do estatuto lexical ou gramatical das preposições simples. A amostra usada é constituída por ocorrências reais extraídas de um corpus escrito (cf. NEVES, 2000), completado eventualmente por ocorrências da internete.

Para análise foram utilizados alguns critérios, conforme propostos por Keizer (2007), na classificação de unidades linguísticas em lexicais ou gramaticais. No Nível Interpessoal, que trata dos aspectos formais da unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte, foi considerada a possibilidade de a categoria constituir um subato atributivo, isto é, uma forma de ação comunicativa, correspondente à evocação de uma propriedade/relação no Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). No Nível Representacional, que trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas, consideram-se dois critérios interligados: especificidade, ou seja, ter ou não um conteúdo semântico específico, e dependência contextual, isto é, ser ou não exigido por um predicado (nominal, verbal ou adjetival); já, no Nível Morfossintático, que dá conta de todas as propriedades lineares da unidade linguística, tanto com respeito à estrutura de sentenças, orações e sintagmas quanto com respeito à estrutura interna de palavras complexas, os critérios aplicados são co-ocorrência com membros da mesma classe geral, e obrigatoriedade, ou seja, possibilidade de ser ou não excluída sem afetar a gramaticalidade da oração; e, finalmente, com relação ao Nível Fonológico, foi considerada a possibilidade de fusão com outros constituintes, como por exemplo *em + o = no*, e de redução fonética, ou seja, eliminação de segmentos fonológicos, como por exemplo *para > pra*.

Neste estudo traremos primeiramente os resultados da análise das preposições *sob* e *sobre* e, a seguir, algumas considerações gerais.

Preposições *sob* e *sobre*

O Nível Interpessoal relaciona-se com funções discursivas ou pragmáticas, o que, em termos de GDF representa ter função atributiva ou referencial. Um subato

¹ Inicialmente a GF reconhecia a existência de categorias semânticas que denotam indivíduos ou objetos concretos, representadas por x; sua nova versão, a GDF, passou a reconhecer outros tipos de categorias semânticas, como **l** (Locação), **t** (Tempo), **m** (Modo), **r** (Razão) e **q** (Qualidade) (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

atributivo diz respeito à possibilidade de se evocar uma propriedade, o que é possível apenas com elementos lexicais. Em (01), a preposição *sob* constitui uma forma de ação comunicativa, sem a qual não se predica sobre *pórtico*, como demonstra (01)a.

(01) Depois ponham essa escada lá em baixo, **sob** o pórtico. (ACM) (NEVES, 2000, p. 710)

(01)a *Depois ponham essa escada lá em baixo, o pórtico.

Como se vê, essa preposição, mais do que evocar um referente, evoca uma propriedade, o que lhe dá o estatuto de subato atributivo, e a coloca no paradigma de elemento lexical.

Semanticamente, portanto no Nível Representacional, tanto *sob* quanto *sobre* apresentam sentido específico, indicando, no eixo vertical, posição de inferioridade e superioridade respectivamente, em relação a um limite, com contato, aproximação, ou alguma distância (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 563), como se pode observar em (02) e (03). Esse sentido prevalece mesmo quando a noção concreta não mais existe, como em (04).

(02) **Sob** a roseira de rosas carnudas e amarelas, encontrei Maria Irmã. (AS) NEVES, 2000, p. 711)

(03) Retira primeiro o cavalete, que está **sobre** o tabuleiro. (PP) (NEVES, 2000, p. 714)

(04) O papel da inteligência é, **sob** esse aspecto, passivo. (SI-O) NEVES, 2000, p. 711).

Há que se observar, no entanto, que a noção concreta de espaço ocorre quando a preposição antecede entidades de primeira ordem, conforme se observa em (05) e (06), respectivamente *tecido* e *Nestor*; já, com entidades de segunda e terceira ordens, a noção é abstrata, conforme *comando* em (07), e *dúvida* e *crença* em (08) e (09) respectivamente.

(05) Talvez a cor da pele **sob** o *tecido*, contanto que não fosse branco, ainda mais ressalta a alvura (AV) (NEVES, 2000, p. 713)

(06) O Profeta larga Pedro e se atira **sobre** *Nestor* (PED) (NEVES, 2000, p. 715)

(07) À vista de soldados **sob** *seu comando* e de dezenas de moradores do bairro da Casa Forte, palco da cena, Vilokq foi à forra. (VEJ) (NEVES, 2000, p. 713)

(08) **Sob** *dúvida*, o juiz inocentou o réu.

(09) **Sobre** *a crença na bondade humana*, tenho pouco a dizer.

A preposição *sobre*, como observado por Ilari e Castilho et al. (2008), pode introduzir um assunto ou tópico, conforme exemplifica (09). No entanto, discordamos dos autores ao afirmarem que “as ideias de *assunto* e *tópico* não são claramente derivadas da noção de espaço (*em cima/acima*), portanto podemos dizer que estamos diante de uma preposição que não admite apenas um sentido (...)” (ILARI; CASTILHO et al., 2008, p 765).

Em nossa opinião, mesmo quando introduz tópico ou assunto, a preposição *sobre* preserva a noção de posição superior, na medida em que tratar de um assunto significa assumir uma posição superior ao que é tratado, que permite ver o “assunto” de cima para baixo, cf. (10).

- (10) *Sobre o zagueiro* revelou ser um atleta de muita experiência para um jogo dessa importância (JC) (NEVES, 2000, p. 718)

É necessário observar, no entanto, que, em português, tanto *sob* quanto *sobre* estão se especializando para indicar Domínio² (assunto, circunscrição), como se verifica em (08) e (10) acima. A noção de posição concreta inferior/superior no eixo vertical é mais comumente, não exclusivamente, indicada por preposições complexas, como *em cima de* para *sobre* e *debaixo de* para *sob*, conforme exemplificam (11) e (12) respectivamente.

- (11) Talvez a cor da pele **debaixo do tecido**, contanto que não fosse branco, ainda mais ressalta a alvura.

- (12) Veio a criada e pôs quatro taças **em cima da mesa**.

Devido à sua especificidade, tanto *sob* quanto *sobre* independem do contexto, ou seja, não são exigidas por nenhum predicado, como se pode observar em (13), (14) e (15), em que nem *pele*, nem *comando*, nem *crônica* constituem predicados transitivos.

- (13) Talvez a cor da pele **sob o tecido**, contanto que não fosse branco, ainda mais ressalta a alvura (AV) (NEVES, 2000, p. 713)

- (14) O capitão impôs seu comando **sobre os soldados**.

- (15) Se eu já lera sua trigésima crônica **sobre o final da novela**. (NEVES, 2000, p.718)

Isso significa que tais preposições não introduzem argumentos, muito pelo contrário, elas é que exigem complementação. Dessa forma, constituem predicados monovalentes, cujo argumento tem a função semântica Referência, como se verifica em (16), que, no Nível Representacional, pode ser formalizado como em (17).

- (16) Olhou as moscas **sobre a roseira**. (M) (NEVES, 2000: 718)

- (17) NR: (I_i: [(f_i: [(f_i: sobre_{Adp} (f_j)) (1x_i: [(f_k: roseira_N (f_k)) (x_i)_o])_{Ref}]) (f_i)) (I_i)_o])

Segundo Bybee et al. (1994 apud KEIZER, 2007), restrições de coocorrência implicam que operadores não podem coocorrer com membros da mesma classe. Sendo assim, não é possível combinar-se *em* e *para*, por exemplo, pois são elementos da mesma categoria. Morfosintaticamente, no entanto, *sob* e *sobre* podem se combinar com *de*, *em*, *para* e *por*, como exemplificam (18) e (19), retiradas da internete.

- (18) Batizado provisoriamente de Oscar, em homenagem ao secretário de Saúde do município, Oscar Berro, o menino pesa 2,22 kg e mede 46 cm. Ele está **em sob** responsabilidade do Conselho Tutelar de Caxias. Quando tiver alta, será encaminhado para o abrigo "Jesus é Amor", no parque Iatatia. (<http://www.overbo.com.br/modules/news/article.php?storyid=832>)

- (18)a Ele está **em** responsabilidade do Conselho Tutelar de Caxias.

- (19) Recomeçada a marcha de integrantes do MST rumo a São Gabriel, ainda em Santa Maria, **por sobre** a BR 392, é justamente anteposta à simbólica demarcação de fronteiras entre os municípios gaúchos de São Sepé e Santa Maria, [...]. (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/07/258951.shtml>)

² Cf. Ramat e Ricca (1998).

- (19)a Recomeçada a marcha de integrantes do MST rumo a São Gabriel, ainda em Santa Maria, **pela** BR 392, é justamente anteposta à simbólica demarcação de fronteiras entre os municípios gaúchos de São Sepé e Santa Maria, [...].

Como se pode observar, em todos esses casos as preposições *sob* e *sobre* denotam posição, inferior e superior respectivamente, enquanto *em* e *por* representam funções semânticas de Essivo e Perlativo, respectivamente. Vejam que, se eliminarmos *sob* e *sobre*, desaparece a diferença entre os pares (18-18a) e (19-19a). Isso reforça a análise de que essas preposições constituem subatos atributivos e veiculam um sentido específico, o que aponta para a interpretação de que são itens lexicais. Em (19), por exemplo, a função semântica de modificador é expressa pelo perlativo *por*, e a noção de posição superior pelo predicado *sobre*, sendo, então representado como em (20).

- (20) NI: T R

NR: (f₂: sobre_{Adp} [1x₂: BR 392_N]_{Ref})_L]

Algo semelhante pode ser observado em (21), em que a função semântica argumental é expressa pelo ablativo *de*, e a posição inferior por *sob*.

- (21) Impressionado e triste com aquela cena ele se inclinou para ver melhor a pequena ave, e, com uma varinha, cuidadosamente, tocou nela. Nisso três filhotes, assustados, saíram **de sob** as asas da mãe morta. (<http://www.sermao.com.br/sermao.asp?id=274>)

No entanto, casos como (22) mostram que a expressão da função semântica nem sempre ocorre no Nível Morfossintático. Em (22) o predicado de dois lugares *ficar*, além do *Undergoer* (um macropapel que inclui todos os tipos de pacientes), exige um Locativo, geralmente marcado no Nível Morfossintático pelo Essivo *em*, como atesta (22)a. O esquema abstrato de um predicado como *ficar* é representado em (23):

- (22) Ele também passou a ficar **sob** a mira do partido. (OLG) (NEVES, 2000, p. 713)

- (22)a Ele também passou a ficar **na** mira do partido.

- (23) T R R

[(f₁: ficar (f₁)) (x₁)_U (x₂)_L]

Quando, no entanto, o Locativo constitui um outro subato de atribuição no Nível Interpessoal, ele deixa de ser expresso pelo essivo *em*, no Nível Morfossintático. Isso se explica, porque o SP *sob a mira do partido* constitui semanticamente uma Locação. Considerando que o semântico determina o sintático, seria redundante marcar a mesma função com dois operadores. Assim, pelo princípio de economia, o português não codifica no Nível Morfossintático o operador gramatical, permitindo assim expressões como (22) e afins, que podem ser representadas como em (24).

- (24) NI: (M₁: [(A₁: [(F₁: ILL (F₁)) (P₁)_S (P₂)_A (C₁: [(T₁: passou a ficar) (T₂: **sob**) (R₁: mira) (R₂: partido)] (C₁) (A₁))] (M₁))

NR: [(f₁: ficar (f₁)) (x₁)_U (x₂)_L] (d1₁: f₁: **sob**_{Adp} [d1x₁: mira_N]_{Ref})]

Outra propriedade dessas duas preposições é que, fonologicamente, NÃO se submetem à redução ou fusão.

Considerações finais

O Quadro 1 resume os resultados da aplicação dos critérios às preposições *sob* e *sobre*.

Quadro 1: Aplicação dos fatores às preposições lexicais *sob* e *sobre*³

Nível	NI	NR		NM		NF	
Fatores	Atrib	Especif	Dep. Cont	Co-ocor.	Obrigat.	Redução	Fusão
Sob	+	+	-	+	-	-	-
Sobre	+	+	-	+	-	-	-

Como Keizer (2004) aponta, a Gramática Funcional (DIK, 1997) distingue elementos lexicais e gramaticais na estrutura das expressões linguísticas. Elementos lexicais constituem predicados básicos listados no léxico, e elementos gramaticais constituem operadores e funções que podem ser aplicados a construções subjacentes nos diferentes níveis. Keizer (2004, 2007) considera que todas as preposições são elementos lexicais, já que, na maioria de seus usos, têm algum grau de conteúdo semântico, bem como compartilham um grande número de propriedades sintáticas e morfológicas com nomes, verbos e adjetivos.

Não há dúvida de que essas considerações cabem com perfeição para as preposições *sob* e *sobre*. A escolha de qualquer uma delas depende do objetivo que o falante tem em mente, da estratégia adotada por ele para obter o seu propósito comunicativo na interação. Isso se dá no Nível Interpessoal, por isso constituem subatos de atribuição, ou mais especificamente, preposições lexicais.

Justamente por apresentarem conteúdo semântico, podem ser parafraseadas por preposições complexas, constituídas por um núcleo nominal ou adverbial. Assim *sob* equivale a *abaixo de/debaixo de/embaixo de*, e *sobre*, a *acima de/em cima de*.

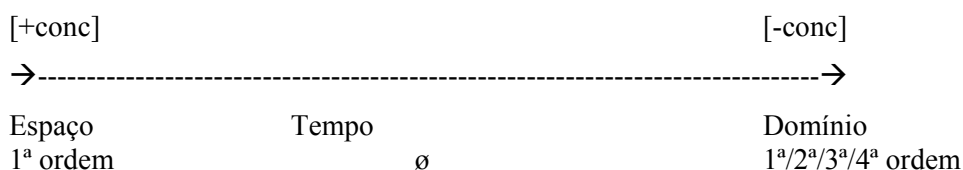
Considerando que as estruturas linguísticas disponíveis em uma dada língua resultam da expressão de representações construídas em diferentes níveis cognitivos, as representações relevantes para a compreensão das preposições derivam de uma experiência do espaço, num percurso unidirecional nos seguintes moldes: dimensão espacial > dimensão temporal > dimensão nocional. A percepção de determinadas relações espaciais fornece o sentido original da maioria das preposições, mais concreto, e é o ponto de partida para o desenvolvimento de sentidos novos, espaciais ou não, mais abstratos. No caso do português é possível observar uma especialização no uso de preposições simples e complexas: a dimensão espacial/temporal concreta é geralmente expressa por meio de preposições complexas, ficando a dimensão nocional/abstrata a cargo de preposição simples. É isso que distingue o uso de *sobre*, em (25), que se está especializando para indicar Domínio, de *em cima de*, em (26), comumente usado para espaços físicos.

(25) **Sobre** o zagueiro revelou ser um atleta de muita experiência para um jogo dessa importância (JC: NEVES, 2000: 718)

(26) Sozinho, retiro-as (as jóias) do seu esconderijo e, quando a insônia me ataca brinco com elas **em cima** da cama.

³ Abreviaturas: NI: nível interpessoal; NR: nível representacional; NM: nível morfossintático; NF: nível fonológico; Atrib.: subato atributivo; Especif.: especificidade; Dep. Cont.: dependência contextual; Co-ocor.: co-ocorrência; Obrigat.: obrigatoriedade.

Nesse sentido, podemos traçar uma escala que vai do [+concreto], especificando espaço físico, ao [-concreto], especificando domínio.



Esse conjunto de propriedades definidoras do estatuto lexical de *sob* e *sobre* estabelece claramente uma distinção entre essas duas preposições e as preposições *a*, *para*, *de*, *em* e *por*, analisadas como segue.⁴

Quadro 2: Aplicação dos fatores às preposições gramaticais

Nível	NI	NR		NM		NF	
Fatores	Atrib	Especif	Dep. Cont	Co-ocor.	Obrigat.	Redução	Fusão
A	-	-	+/-	-	+	-	+
Para	-	-	+/-	+	+	+	+
De	-	-	+/-	+	+	-	+
Em	-	-	+/-	+	+	-	+
Por	-	-	+/-	+	+	-	+

Essas preposições são ora fortemente previsíveis, já que são requeridas pelo item lexical que as rege (quando introduzem termos com função semântica atribuída ao primeiro ou ao segundo argumento de predicados verbais, nominais e adjetivais); ora não previsíveis, mas obrigatórias (quando introdutoras de modificadores) e sua escolha é ditada pela natureza do modificador que se quer construir. Em outras palavras, esse subconjunto, que torna visíveis no Nível Morfossintático as funções semânticas *Ablativo*, *Perlativo*, *Alativo*, *Essivo* e *Direção* do Nível Representacional, constituem preposições gramaticais.

Lembrando que, por razões tipológicas, a GDF chama preposições e posposições de *adposições*, diríamos, então, que há em português adposições lexicais e gramaticais. As lexicais, em que se incluem *sob* e *sobre*, constituem um Subato Atributivo no Nível Interpessoal e verdadeiros predicados no Nível Representacional, cuja codificação, no Nível Morfossintático, é a posição que ocupam de encabeçar o sintagma. Esses traços em comum indicam um estatuto bem definido na gramática para esse subconjunto, que deve ser mais adequadamente denominado **preposições**, termo que coincide com a terminologia tradicional.

As gramaticais, por seu turno, servem para expressar as funções semânticas argumentais e não-argumentais do Nível Representacional e, como não constituem predicados listados no léxico, é apenas no Nível Morfossintático que sua expressão é devidamente codificada.

⁴ Aqui estamos utilizando resultados obtidos pelos outros grupos integrantes do GPGF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKKER, D.; SIEWIERSKA, A. Adpositions, the lexicon and expression rules. In: MAIRAL USÓN, R.; PEREZ QUINTERO, M.J. (Eds.) *New perspectives on argument structure in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 125-177.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 542-64.

DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. (Part II: Complex and Derived Constructions).

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ILARI, R.; CASTILHO, A. T. et al. As preposições. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. II - Classes de Palavras e Processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 623-808.

KEIZER, E. English prepositions in FDG. Texto apresentado no ICFG11th International Conference on Functional Grammar, Gijón, Espanha, 2004.

_____. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Alfa – Revista de Linguística*, Araraquara, v. 51. n. 2, p. 35-56, 2007.

MACKENZIE, J. L. English spatial prepositions in Functional Grammar. *Working Papers in Functional Grammar*. Amsterdam, n. 46, 25 p., 1992.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PÉREZ QUINTERO, M.J. Adpositions in FG: has this Cinderella been invited to the Ball? In: AESTERN, H.; HANNAY, M.; LYALL, R. (Eds.) *Words in their places: a festschrift for J. Lachlan Mackenzie*. Amsterdam: Faculty of Arts, Vrije Universiteit, 2004. p. 153-168.

ROSCH, E. H. Natural categories. *Cognitive Psychology*. Amsterdam, v. 4, p. 328-50, 1973.

RAMAT, P.; RICCA, D. Sentence adverbs in the languages of Europe. In: AWERA, J. Van der; BAOILL, D. (Eds.) *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 187-275.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.